



BEATRIZ ROSÁRIA DA MOTA

**A LUDICIDADE COMO POTÊNCIA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

RIO DE JANEIRO, 2020.

BEATRIZ ROSÁRIA DA MOTA

**A LUDICIDADE COMO POTÊNCIA NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Rio de Janeiro, 02 de março de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patrícia Baroni
UFRJ

Profa. Dra. Deise Guilhermina da Conceição
PENESBI/UFF

Profa. Dra. Núbia de Oliveira Santos
UFRJ

Dedico este trabalho a minha família pelo carinho e paciência, a todos os professores que contribuíram para minha formação e aos meus amigos que me motivaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir desfrutar de saúde e paz.

Aos meus queridos pais Alberto e Vânia que estiveram sempre comigo me dando apoio em todas as minhas decisões e que me deram força para que eu pudesse concluir essa graduação.

Aos meus irmãos: Letícia, César, Edson, Fabio, Aline e Adalberto, que me mostram a cada reencontro a força do amor que existe entre nós.

Agradeço com emoção à minha amiga Lorraine Azevedo, que me motivou a continuar nesta jornada acadêmica.

Às minhas amigas de faculdade: Beatrice Abrahão, Carolina Alves, Graziela Gomes, Julia Motta, Laís Gomes, Maria Tereza, que contribuíram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

Não posso deixar de agradecer à UFRJ e a todo seu corpo docente que ajudaram nessa caminhada tão difícil.

Agradeço à minha orientadora Patrícia Baroni, pelas orientações ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Suas valiosas indicações fizeram toda a diferença. Também agradeço à minha banca examinadora, professoras Deise e Núbia, pelos ensinamentos como professores e pela disponibilidade em estar presente neste momento tão importante.

Por fim, agradeço em especial a Leonardo Nascimento, que está sempre ao meu lado acompanhando todas as minhas inquietações e decisões, que foi parceiro nos momentos certos e de incertezas da vida. Obrigada por sua capacidade de expressar e se dedicar carinhosamente e por me dar o melhor presente da vida: ser mãe.

RESUMO

MOTA, Beatriz. A ludicidade como potência no processo de alfabetização no ensino fundamental, Rio de Janeiro, 2020. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Este trabalho analisa os reflexos das propostas pedagógicas lúdicas na alfabetização numa turma de terceiro ano de escolaridade do ensino fundamental de uma escola municipal do Rio de Janeiro. Para tanto, as questões da pesquisa foram: qual a importância do brincar e do jogo no processo de alfabetização? Qual a importância do brincar e do jogo no processo de alfabetização? Como a utilização dos jogos e das brincadeiras podem auxiliar a prática docente? O objetivo geral é refletir sobre a potência da ludicidade no processo de alfabetização das crianças, tendo em vista o desenvolvimento pleno delas em seus principais aspectos: cognitivo, afetivo, físico e social. A metodologia utilizada para este trabalho é de cunho bibliográfico, conjugada com uma pesquisa de campo realizada no estágio supervisionado na Escola Municipal Cícero Penna, localizada em Copacabana, região da zona sul da cidade do Rio de Janeiro, onde foi possível verificar de forma mais detalhada o uso de ferramentas pedagógicas de caráter lúdico no cotidiano da escola. A escola é uma instituição que possui a função social de ofertar conhecimentos sistematizados aos estudantes, e nos anos iniciais do ensino fundamental, dedica-se em especial ao desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Como conclusões deste estudo foi possível perceber que o brincar não se faz presente no cotidiano das crianças dentro da escola. As exigências hierarquicamente feitas as escolas, diminui as possibilidades de autonomia no trabalho docente. Além disso, foi possível perceber também que, ao enredar práticas lúdicas e ensino sistematizado, o processo de alfabetização acontece de forma mais natural para as crianças.

Palavras-chave: Alfabetização; Ensino Fundamental; Ludicidade; Pedagogia.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. HISTÓRIA E CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA.....	15
1.2 A legislação e o lugar social da criança.....	20
2. PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	24
2.2 Jogos e brincadeiras no contexto histórico dos métodos educacionais	26
2.3 Brincadeira e jogo como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem.....	28
3. O LÚDICO COMO METODOLOGIA DE ENSINO.....	33
3.2 O lúdico em roda de conversa.....	38
4. ANALISANDO O PROCESSO DE ENSINO NO FUNDAMENTAL.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Nos primeiros anos do Ensino Fundamental há uma preocupação prioritária no que tange ao desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Isso acontece em razão da importância desta aprendizagem para a formação humana. Deste modo, a ludicidade pode se inscrever enquanto elo facilitador para o desenvolvimento de práticas alfabetizadoras, pois enquanto natural à infância, permite também que o ensino da leitura e da escrita seja tecido de modo mais próximo às características das crianças.

Nas práticas educativas, percebemos a presença de atividades lúdicas cotidianamente através da consideração da alteridade da infância, da dimensão dialógica das interações de adultos e crianças e da perspectiva da criança como produtora de cultura.

Neste prisma, considero o lúdico como uma interface capaz de conectar a aquisição e uso dos sistemas escritos e o universo infantil. Para que essa mediação seja promovida, a ludicidade tem um importante papel nos processos educativos. Uma alternativa possível para a promoção de tal mediação é a oferta do ensino através de atividades pedagógicas de caráter lúdico, sejam elas por jogos, brincadeiras, da música, da roda de conversa, dentre outras.

Neste sentido, início este trabalho com um relato da minha trajetória de aprendizagem a partir do Ensino Fundamental, onde vivenciei experiências ricas envolvendo brincadeiras e alfabetização, até a chegada à tão sonhada faculdade, a UFRJ.

Falar da minha trajetória na Educação Básica me deixa muito emocionada. Sempre tive excelentes professores que me motivaram a ser quem sou hoje: uma pessoa dedicada aos estudos e que não se deixa ser desmotivada.

Comecei a estudar bem cedo e aos 5 anos de idade já estava na Classe de Alfabetização.¹ Cursei os anos iniciais do Ensino Fundamental até a 3ª série² na Escola Municipal Embaixador Ítalo Zappa³ que, naquela época, atendia apenas até esse ano de escolaridade. Adorava ir à escola. Sempre estudei em escolas públicas e tive ótimos professores: alguns muito rígidos, outros nem tanto.

Naquela época, poucos profissionais trabalhavam de forma lúdica. Alguns utilizam apenas a memorização e a cópia escrita de palavras como ferramentas de leitura e escrita. A prática de alguns dos meus professores era pautada na filosofia tradicional valorizando mais a transmissão verticalizada de conteúdos que as características próprias da infância. Poucos espaços da escola tinham jogos e brinquedos, bem como não tínhamos a oportunidade de produzi-los e, por vezes, o ato de brincar acontecia somente na aula de Educação Física.

E nesse contexto Antunes (2008) explica que:

A escola antiga e obsoleta é aquela na qual o aluno a frequentava apenas para memorizar conceitos das disciplinas que o professor ministrava. Se fosse bom em Matemática, por exemplo, estava implícito que era bom professor, pouco importando se os alunos aprendiam de fato o conteúdo com ele. Quando a significação não ocorria, a culpa era sempre do aluno e por isso sua reprovação era incontestável ato de justiça. (p.13)

Porém, uma professora foi inesquecível: Ana Maria! Lembro-me pela forma de ensinar e pelo cuidado que tinha comigo e com os demais colegas de turma. Ela costumava ensinar os conteúdos através de jogos, brincadeiras e músicas. De acordo com o conteúdo planejado para o dia, montava um repertório lúdico de atividades e aprendíamos de forma mais prazerosa e natural.

A ludicidade foi uma ferramenta de extrema importância para o meu processo de aquisição da leitura e da escrita. Através do lúdico, aprendi a ler e a escrever de uma forma mais autônoma e significativa.

¹ Classe de Alfabetização na presente data (fevereiro/2020) equivale ao Primeiro Ano de Escolaridade no Ensino Fundamental 1.

² A terceira série equivale hoje ao quarto ano de escolaridade do ensino fundamental 1.

³ Escola pública situada no bairro de Vargem Pequena, zona oeste do Rio de Janeiro.

A respeito disso, Kishimoto (2002) nos diz que

O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola. (p.13).

Para a professora Ana Maria não era impossível desenvolver atividades com jogos e brincadeiras no Ensino Fundamental. A leitura e a escrita eram trabalhadas através de música e a matemática era desenvolvida através de materiais concretos, como por exemplo: o material dourado, jogos de pega-varetas, entre outros materiais disponíveis. Fazíamos experiências na sala para aprender alguns conceitos de ciências, como por exemplo, plantar sementes para acompanhar o processo de crescimento das plantas. Essa forma de ensinar nos proporcionou um olhar diferenciado para o que estava à nossa volta, no cuidado com o outro e com o meio em que estávamos inseridos. Foi através do carinho e da dedicação dessa professora que pude caminhar com gosto pela aprendizagem para os anos seguintes da escolarização.

Assim que concluí a terceira série na Escola Municipal Ítalo Zappa, fui transferida para a Escola Municipal Hemetério dos Santos⁴ onde pude finalizar com muita dificuldade os anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi uma das etapas mais difíceis da minha escolarização. Começamos ano letivo na turma 1401, com uma professora chamada Rosângela que tinha a mesma doçura e leveza em ensinar da professora Ana Maria. Lembro-me que, devido a um problema de saúde, a professora Rosângela teve que se desligar da escola nos deixando com outros professores da instituição (Educação Física e Artes).

A direção então decidiu manter a turma até a chegada de um professor substituto, que nunca aconteceu. Havia muita troca de professores e tivemos que nos adaptar forçosamente a esta rotatividade. Além disso, a metodologia utilizada da escola onde havia estudado anteriormente foi deixada de lado, dando lugar apenas à memorização e à cópia escrita de palavras; as atividades de artes já vinham prontas: só tínhamos que colorir desenhos; a matemática era reduzida à fixação da tabuada e exercícios de armar e efetuar passadas no quadro; ciências, quase não tínhamos. As brincadeiras foram trocadas pela prescrição de

⁴ Escola pública situada no bairro de Vargem Pequena, zona oeste do Rio de Janeiro.

exercícios e o único espaço em que tínhamos um pouco de abertura para o lúdico era nas aulas de Educação Física. Foi o ano mais difícil!

Fiquei apenas um ano na escola Hemetério dos Santos, passando assim para a segunda etapa do Ensino Fundamental, que aconteceu na Escola Municipal Finlândia⁵ onde aprendi muito a trabalhar em equipe e a me relacionar com outras pessoas. A escola Finlândia, naquela época, era considerada uma escola modelo que apesar de ser muito rígida atendia às necessidades dos alunos no sentido de encorajar os mesmo a ir a busca dos seus sonhos.

O fato de ter passado pelo ensino fundamental com professores cuja referência de ação pedagógica era a filosofia tradicional não desqualifica o trabalho desenvolvido por eles. Contudo, para mim, o desejo em atuar como docente começou através da professora Ana Maria, que por meio da sua prática em sala, possibilitou um vasto conhecimento sobre infância e alfabetização, despertando em mim o interesse pelas abordagens lúdicas em sala de aula. Foi graças a esse trabalho com afeto, paciência e criatividade que Ana Maria me fez desejar ser uma professora que respeitasse a infância e o que é peculiar a ela.

O sonho de ser professora ia crescendo a cada ano de escolarização. Então, no final do Ensino Fundamental, fiz minha inscrição para participar do sorteio de vagas para escolas de nível médio, coloquei o Instituto de Educação Carmela Dutra (IECD)⁶ como primeira opção e fui escolhida. O IECD é uma escola que funciona em horário integral, sendo que, no turno da manhã, eram oferecidas as disciplinas curriculares: matemática, química, física, português e ciências. No turno da tarde eram oferecidas as disciplinas pedagógicas. O magistério sempre me encantou e valorizo muito tudo que aprendi no IECD.

Chegar ao final do Ensino Médio foi uma grande conquista que se pauta na determinação e esforço próprio articulados ao conjunto de aprendizagens que a escola pública e as experiências com professores qualificados me proporcionou. O desejo de atuar no campo da docência era tão grande que sonhava com a faculdade de Pedagogia. Mas não era qualquer faculdade... tinha que ser uma faculdade pública, tinha que ser a UFRJ. Como iria ingressar na

⁵ Escola Pública situada no bairro de Jacarépagua, zona oeste do Rio de Janeiro.

⁶ Escola Pública situada no bairro de Madureira, zona norte do Rio de Janeiro.

faculdade se eu não me sentia suficientemente preparada para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)? Como fazer um curso preparatório para o ENEM se eu não tinha como pagar? Foi assim que através do Instituto de Educação Carmela Dutra conheci o Pré-Vestibular Social, que contribuiu de maneira determinante para o meu ingresso na universidade.

Ingressei na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro tendo a certeza que queria cursar Pedagogia. Na época, havia acabado de sair do Ensino Médio (Modalidade Magistério) e acreditava que uma preparação universitária de qualidade tornaria meu desejo de ser professora muito maior. Após um ano na universidade, senti a necessidade de ingressar num estágio remunerado em uma escola, não apenas para ter algum provento, como também para estar mais próxima do ofício docente. Foi quando iniciei minha atuação como estagiária na Escola Parque⁷. Lá aprendi muitas facetas da docência e artimanhas cotidianas. A Escola Parque é uma escola de filosofia construtivista e coerente com muitas das aprendizagens que obtive na UFRJ. Foi nesse contexto de trabalho, dedicação e prazer que comecei a ter um olhar diferenciado para a prática da escola, em especial para as crianças de 4 a 8 anos.

Hoje tenho a plena certeza que fiz a escolha certa, graças aos professores da rede pública e da Faculdade de Educação da UFRJ que me proporcionaram um amplo conhecimento acerca da infância e isso foi fundamental para que eu me apaixonasse a cada dia mais pelas práticas pedagógicas.

Cursando Pedagogia, deparei-me com diversas situações nos estágios obrigatórios da Faculdade de Educação, em especial no estágio supervisionado dos anos iniciais. Isso despertou um grande interesse em aprofundar meus estudos sobre a infância, alfabetização e o brincar dentro do cotidiano escolar. A experiência na Escola Municipal Doutor Cícero Penna⁸, permitiu perceber que existe uma fratura entre Educação Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental. Dado isso, a motivação pelo tema nasceu da trajetória que tive com os alunos do

⁷ Escola particular situada no bairro da Gávea, zona sul do Rio de Janeiro.

⁸ Escola pública situada no bairro de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro.

Ensino Fundamental 1, onde pude ter um olhar para a prática dos professores e aos diferentes casos de dificuldade de aprendizagem que havia na sala.

Durante a minha permanência na escola e na sala de aula, busquei fazer registros de tudo que estava presenciando. Percebi que, para as crianças que estão na Educação Infantil, os jogos, as brincadeiras e o brincar fazem parte a todo momento do cotidiano das mesmas. Os professores nesta etapa de ensino estão sempre propondo atividades lúdicas que se enredam do desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças. Porém, quando elas passam para o Ensino Fundamental 1, as coisas mudam: há outras cobranças, mudanças no ambiente de aprendizagem e outras metodologias. O repertório de brincadeiras tão intensificado durante a Educação Infantil é deixado de lado, e, por vezes, abandonado, para dar lugar a outras práticas. Entendo que o Ensino Fundamental prioriza o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, e que os alunos precisam ser alfabetizados e letrados. Contudo, percebo a fratura entre esses níveis de ensino enquanto prejudicial para aprendizagem, na medida em que distancia as práticas das escolas da natureza da infância.

Tais fatos fizeram surgir o interesse em aprofundar os meus conhecimentos acerca do lúdico como transversal nos anos iniciais, na perspectiva de refletir sobre propostas pedagógicas que considerem as crianças como autoras, sujeitos ativos de seus aprendizados.

Diante do panorama exposto, surgem os seguintes questionamentos: qual a importância do brincar e do jogo no processo de alfabetização de crianças do 3º ano do Ensino Fundamental? De que forma o jogo é inserido nas atividades com crianças do 3º ano do Ensino Fundamental?

A justificativa da escolha da temática baseia-se na compreensão de que a ludicidade se configura através das brincadeiras, e a criança ao brincar, assimila conceitos, experiências, vivência e carrega essa experiência para o aprendizado. A capacidade de brincar possibilita às crianças um espaço para resolução dos problemas que as rodeiam. Assim, o brincar é um ato social que permite uma comunicação através de gestos e, conseqüentemente, o ato da leitura. É no brincar que a criança tem a oportunidade de expressar o que está sentindo ou necessitando.

É através das brincadeiras de faz-de-conta, da música e outros que ela constrói o seu mundo imaginário.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a relevância das práticas lúdicas no ensino fundamental, em especial durante o período de alfabetização, tendo em vista o desenvolvimento pleno do educando em seus principais aspectos; cognitivo, afetivo, físico e social.

Como objetivo específico, esta pesquisa visa:

1. Analisar a produção teórica acerca da ludicidade e do desenvolvimento infantil.
2. Narrativizar experiências que transversalizam a ludicidade nas práticas pedagógicas alfabetizadoras.
3. Problematizar as relações entre ludicidade e prática educativa, a partir das experiências vividas nos estágios.
4. Analisar a prática docente, procurando verificar em que medida, em suas ações pedagógicas, são desenvolvidas com a ludicidade.

Além desta introdução está monografia encontra-se estruturada em três capítulos distintos, porém interligados.

O capítulo 1 traz um breve histórico da Educação e da criança na sociedade desde a Idade Média. Fala brevemente acerca da trajetória percorrida para o acesso à instituição educativa das suas abordagens e metodologias. Além disso, apresenta o repertório legal relacionado à infância e à educação buscando explicitar o modo como historicamente, no Brasil, esses temas vêm se relacionando ou se afastando.

No Capítulo 2, elaboro um breve resumo acerca da produção de Lev Semyonovich Vygotsky e suas contribuições sobre jogo, brincar e ludicidade no ambiente escolar.

Dando continuidade as contribuições de Lev Vygostsky, o Capítulo 3 aborda o campo da ludicidade dentro da escola.

No Capítulo 4, caracterizo o campo de estudo, a Escola Municipal Cícero Penna, procurando abordar um olhar mais voltado para o lúdico e suas potencialidades, dialogando

com a produção teórica e produzindo conjuntamente com os profissionais da unidade alternativas possíveis para mediação lúdica nos processos de alfabetização. Nesse sentido, foi possível elaborar reflexões a respeito do jogo e do brincar na Educação, bem como das interações e brincadeiras que atravessam o processo de aprendizagem das crianças.

Ao analisar a importância do brincar e do jogo como ferramentas essenciais no desenvolvimento social, físico e mental dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, trago construção das relações sociais da criança com seus pares.

Finalmente, como conclusões da pesquisa, faço uma reflexão a partir de todo o conteúdo abordado na monografia buscando elencar as possibilidades para as questões iniciais.

As atividades lúdicas propostas pelo jogo e pela brincadeira oportunizam à criança aprender a conviver com o outro, respeitando as especificidades de cada um, construindo sentimento de pertencimento, tornando-se então, cidadãos críticos e de valores morais e éticos na sociedade. A ludicidade relaciona-se ao dia a dia das crianças e constitui-se como base fundamental na aprendizagem delas.

Sabendo que, através da brincadeira a criança traz para dentro do ambiente escolar sua identidade, seus desejos e sentimentos, ao brincar elas criam e recriam momentos que os potencializam como sujeito. Penso que, brincando na escola, as crianças percebem a leitura e a escrita enquanto mais próximas de seus contextos. Assim, passam a perceber que a linguagem escrita como parte de sua identidade, de suas necessidades, de sua vida de todo dia. Desta forma, ler e escrever deixa de ser algo ensinado verticalmente para ser uma tessitura conjunta. Passa a ser também um desejo da criança compreender o sistema escrito, as relações nele estabelecidas, porque cabe no lúdico, cabe naquilo que é natural à criança. Considero também que a brincadeira promove o desenvolvimento da linguagem, além da socialização com outras pessoas.

A metodologia utilizada para este trabalho é de cunho bibliográfico conjugada com as experiências vivenciadas na Escola Municipal Doutor Cícero Penna, localizada em Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro.

A fundamentação da pesquisa é pautada na produção de autores que nos convidam a refletir acerca das concepções de infância, de aprendizagem e de ludicidade. Me dedicarei neste texto a apresentar algumas ideias de Ariès, Vygotsky, Piaget, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Maria Montessori, Wallon e Paulo Freire.

Vygotsky (2007), considera o caráter educativo da ludicidade algo que promove o despertar na criança, a curiosidade. O ato de brincar representa uma situação privilegiada da aprendizagem infantil, e isso ocorre nas mudanças das necessidades da criança. Para Vygotsky, a criança ao brincar se coloca em situações desafiadoras que as tornam capazes de solucionar problemas de maneira consciente e autônomas.

Para Denise Pozas (2011, p. 15), *brincar é uma das principais atividades da criança. É por meio da brincadeira que ela revive a realidade, constrói significados e os ressignifica momentos depois. Dessa forma, aprende, cria e se desenvolve em todos os aspectos.*

Desse modo, quando o lúdico se enreda no ambiente escolar e nas atividades pedagógicas, o ato de ler e escrever, conseqüentemente, se torna algo natural e o processo de aprendizagem se desenvolve de maneira mais próxima às características da infância

Fotografia 1: Alunos da Escola Municipal Doutor Cícero Penna assistindo filme no horário vago



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

1. HISTÓRIA E CONCEPÇÕES DA INFÂNCIA

Neste capítulo busco mostrar a importância do marco histórico e das descobertas das potencialidades da criança, e como isso foi fundamental para a construção de um pensamento mais significativo da mesma. Para tal, subdivide esta trajetória em três fases caracterizando-as a partir dos estudos do autor abaixo especificados.

Os estudos desenvolvidos por Philippe Àries contribuem sobremaneira para a compreensão da historicidade da infância desde a era medieval.

Ao longo dos anos, o olhar para criança e para o seu processo educativo foram se modificando positivamente e se tornando mais interessado e estudado. Esse olhar coloca a criança como um ser global, detentora do conhecimento, construtora da sua própria história e da sua identidade.

Para que isso fosse possível, a concepção de infância foi sendo repensada através das leis e das lutas históricas e sociais, fortalecendo um olhar mais amplo e cuidadoso acerca da criança e do desenvolvimento infantil. Esse movimento tomou impulso no decorrer das décadas de 70 e 80 caracterizando a criança como um sujeito histórico e de direito a ser pensado com mais cuidado.

Para entender o trajeto histórico da infância e da criança, utilizarei a linha de raciocínio do educador Franco Frabboni que se baseou no historiador Philippe Ariès, estabelecendo o entendimento da infância desde os séculos XIV, XV até o século XX, através de três identidades.

A criança como um adulto em miniatura: séculos XIV e XV

Nessa época, a educação da criança era entendida como algo materno. As mães as “educavam” para convivência com o trabalho. Durante a Idade Média, as crianças entre sete a oito anos, gozando de certa autonomia nas ações cotidianas, eram consideradas adultos em miniaturas. Não havia um sentimento de infância e elas não tinham direitos. Trabalhavam nos campos e nos afazeres domésticos com seus pais. Suas vestimentas pareciam às dos adultos,

impossibilitando a criança de ter liberdade de movimento e de sentir prazer em brincar e sujar-se, tirando-lhe tudo aquilo é natural à infância.

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia - o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. [...] (Ariès, 1981, p.156)

Nesse momento histórico, não interessava saber como ensinar a criança ou como ela iria aprender. Seu crescimento era só visto para ocupar o lugar nas funções servis daquela época, não havia recursos oferecidos para o desenvolvimento infantil.

Criança/filho ou aluno X Criança institucionalizada: século XVI e XVII

A chegada da Idade Moderna trouxe grandes avanços para os modelos educacionais, para modo de se olhar a infância e para formação das crianças na sociedade. De acordo com Ariès, as crianças no século XVI e início de XVII eram tratadas como distrações para os adultos, dominadas por paparicação. A criança era vista com o propósito de divertimento ou como um “animal de estimação”. Já no final do século XVII, com os preceitos preconizados, outro sentimento nasce com a igreja católica, preocupando-se com bem-estar, com a saúde e higiene das crianças.

Aos poucos, foram surgindo locais mais formais e externos ao ambiente familiar para as crianças, cuidando da sua saúde e dos interesses da sociedade. Havia o enfoque significativo no desenvolvimento infantil, mas com regras morais e costumes religiosos. A igreja conhecia melhor o sujeito para depois discipliná-lo. E assim deu o surgimento de “escolas” com a influência da igreja católica, baseada na autodisciplina e na obediência.

Nesse sentido, Kramer (2006) diz que:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existiu sempre da mesma maneira. Ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade (p.14).

O século XVII foi marcado como um período de muita importância para a evolução dos temas relacionados à infância. Segundo Ariès, a partir do Século XVII, a criança começa a ser tratada com mais cautela, e sua expressão é menos desfigurada que na Idade Média. Inicia-se também no século XVII, de acordo com Ariès, os primeiros estudos sobre a psicologia infantil. Esses estudos buscavam um entendimento maior sobre a criança e sua mente. Surge, assim, a terceira identidade da infância relatada por Frabboni: a criança como sujeito de direito, merecedora dos cuidados oferecidos pela escola que na época era ministrada pela igreja.

Criança como sujeito social ou sujeito de direitos: século XX

Foi através do convívio familiar que as crianças aprenderam as regras e as tradições da família. Por muito tempo, elas foram tratadas como adultos. Sua voz não tinha força e viviam em condições precárias para o seu desenvolvimento, assumindo forçadamente características adultas. Chegamos ao século XX com enfoque totalmente na criança e nos interesses dela.

Alguns teóricos foram extremamente importantes para o estudo da criança, tais como Jean Jacques Rousseau (1712-1778) que se destaca ao afirmar que a criança é muito mais do que um adulto em miniatura. Afirma também que a infância não é uma mera preparação para vida adulta, mas que tinha um valor em si mesma.

Rousseau propõe que a criança viva ao seu natural, que a educação fosse livre. Indo contra o que a igreja pregava. Além disso, Rousseau pregava uma aprendizagem partindo das experiências e práticas da criança, e de outras formas de contato com o lado externo da escola.

Baseadas na mesma ideia, Pestalozzi (1746-1827) compreendia que a educação para criança se baseava na bondade, no afeto e na família. A ideia era voltada para uma educação com o olhar da criança e com o significado que ela dava ao seu mundo, priorizando coisas e não palavras.

Froebel (1782-1852) levou adiante essas ideias, trazendo assim o **jardim de infância**. Crianças eram vistas como sementes que dentro da escola seriam adubadas e cuidadas e logo depois desabrochariam conhecimentos sobre si e o mundo.

O jardim de infância tinha como propósito conduzir essas crianças para dentro de um espaço onde elas pudessem se desenvolver e ter conhecimentos, trazendo uma dimensão pedagógica. O funcionamento desse espaço inclui atividades de concentração e jogos como instrumentos mentais. O jogo passa a ser um dispositivo de vantagens para o processo físico, intelectual e mental do aluno.

Nessa época, as funções de hospitalidade e higiene passaram a serem exercidas pela instituição. A médica psiquiatra Maria Montessori (1879-1952) trouxe propostas muito pertinentes para a Educação. A abordagem educativa, a criação de materiais que até hoje são usados nas escolas e conduzem à exploração sensorial, seus métodos são vistos como fundamentais ao desenvolvimento da cognição. Montessori desviava seu olhar para a importância do brinquedo como condutor da atividade e não só como um mero material. No seu método, Montessori utilizou vários mecanismos que possibilitaram a construção do ensino aprendizagem do aluno, usando diversos grupos de objetos com características diferentes para estimular os canais sensoriais desses alunos.

No século XX, Vygotsky afirma que a criança aprendia através das relações sociais com o seu meio, introduzidas na cultura e passada por pessoas mais experientes.

As interações da criança com as pessoas de seu ambiente desenvolvem-lhe, pois, a fala interior, o pensamento reflexivo e o comportamento voluntário, ou seja, a construção da real parte, pois, do social (da interação com outros, quando a criança imita o adulto e é orientada por ele) e, paulatinamente, é internalizada pela criança. (VYGOTSKY, 1984 p. 101)

Oliveira (2000, p. 26), citando Vygotsky afirma que o desenvolvimento das crianças *se dá de fora para dentro, ou seja, a criança é cópia do meio externo e as características individuais dependem da interação do ser humano com o meio físico e social.*

Wallon trouxe o afeto como a relação central para a aprendizagem da criança, as emoções exercem papel importante no desenvolvimento infantil pois, é por meio delas, que a criança expressa desejos, vontades e apatia. Para Wallon a criança nasce com recursos biológicos que lhe dão a capacidade de se desenvolver. Porém, é o meio que vai permitir que as suas potencialidades se desenvolvam.

Para Wallon (1995):

Estas revoluções de idade para idade não são improvisadas por cada indivíduo. São a própria razão da infância, que tende para a edificação do adulto como exemplar da espécie. Estão inscritas, no momento oportuno, no desenvolvimento que conduz a esse objetivo. As incitações do meio são sem dúvida indispensáveis para que elas se manifestem e quanto mais se eleva o nível da função, mais ela sofre as determinações dele: quantas e quantas atividades técnicas ou intelectuais são à imagem da linguagem, que para cada um é a do meio! (p.210)

Nos estudos desenvolvidos por Wallon atribui-se ao desenvolvimento do indivíduo a responsabilidade pelos processos de interação. O ponto chave da teoria deste pesquisador é a interação da criança com o seu meio, numa relação complementar entre os fatores orgânicos e culturais.

Piaget, através da epistemologia genética, mostra que o conhecimento é concebido através da relação do sujeito com o outro. A maioria das crianças encontram-se na fase pré-operatória, podemos observar essa fase quando a criança representa um objeto por outro, dando novos significados e importância, como por exemplo: nas brincadeiras de dramatizações. E conforme as brincadeiras vão evoluindo, verifica-se novas séries de símbolos lúdicos. Portanto, brincando a criança se diverte, constrói seus conhecimentos e aprende a relacionar-se ao meio em que vive.

Diante de um caminho árduo, cheio de histórias, lutas e desigualdade, a criança agora passa a ser reconhecida como sujeito social, criativa e construtora do seu próprio conhecimento.

1.1. A legislação e o lugar social da criança

A trajetória da Educação, mais específica a Educação Infantil, chegou no Brasil no século XX, a partir do que aconteceu na Europa e com as grandes transformações causadas pela Revolução Industrial. Assim, as indústrias começaram a ganhar força e se expandir, gerando impacto no seio familiar. Isso ocorreu devido às muitas horas de trabalho dentro das fábricas e a inserção da mulher no meio produtivo, promovendo um grande destaque à educação das crianças.

É importante ressaltar que, com os avanços do mercado de trabalho e com a participação das mulheres nas indústrias e em outras fontes de trabalho, começou a surgir um aumento muito grande de instituições dedicadas à infância, como jardins de infância, tal como foi pensado pelo teórico Froebel. Dessa forma, as mulheres queriam que seus filhos tivessem um espaço que atendessem às suas expectativas e necessidades. Enquanto mulher e pedagoga, não acredito que esta preocupação seja exclusiva das mulheres, contudo, neste trecho considero o lugar social de subalternidade que a história e a sociedade machista demarcaram para as mulheres.

Chegamos no século XX com olhares mais atentos para a criança, para seu processo de desenvolvimento e na sua construção social. A efervescência no campo da educação e as preocupações com a infância foram, gradativamente, modificando também as concepções de criança.

Como dito acima, as lutas à democratização de melhorias no ensino, bem como a entrada da mulher no mercado de trabalho e suas manifestações por um espaço que atendesse às crianças fizeram com que as leis fossem repensadas e reformuladas, iniciando um processo que se estendeu por muito tempo até o reconhecimento da Educação Infantil enquanto parte da Educação Básica. Neste momento, anunciarei algumas leis que apontam como se deu tal processo.

Com a chegada das conquistas traçadas na Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 206 afirma à igualdade de acesso e permanência na escola e, em seu artigo 208, ressalta o dever do Estado com a educação, efetivando mediante a garantia do Ensino Fundamental obrigatório, foram estabelecidos deveres para uma educação de qualidade para todos na rede pública de ensino. A Carta Magna afirma também a obrigatoriedade da oferta pelo poder público de atendimento educacional para crianças do zero aos seis anos.

A década de 90 foi palco de grandes transformações que afirmam a centralidade dos processos educativos nas crianças, inclusive expressos nas leis e diretrizes.

Em 1990, a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente em seu art. 3º dispõe que:

Art 3º As crianças gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral e espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

O surgimento dessas novas vigências demonstrou um cuidado com as crianças, a implementação do Estatuto contribuiu para a amplificação das vozes e do respeito às especificidades da infância. Dessa forma, a criança passa a ser vista como possuidora do seu conhecimento e protagonista do seu próprio desenvolvimento.

Foram debatidos durante todo o ano de 1996 novos conceitos acerca da criança como parte integrante da educação, visando contribuir para elaboração de uma nova LDB. Nesse momento histórico e de muitas conquistas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional veio subsidiar uma educação que tem compromisso com a formação integral dos cidadãos. É importante salientar que alguns conceitos gerais que a nova Lei de Diretrizes e Bases trouxe, tais como: a flexibilidade de organização em ciclos, que incluí a inclusão de uma seção específica dedicada à Educação infantil, a inclusão da Educação Infantil como parte da Educação Básica e a inclusão de mais um ano de escolaridade no Ensino Fundamental resultou no olhar específico para a infância, respeitando o tempo de desenvolvimento de cada criança.

Mediante a isto, a Educação Básica é dividida em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A primeira etapa, Educação Infantil, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade. E de acordo com o artigo 30º da LDB a Educação infantil é dividida em:

- I. Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II. Pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade;

A segunda etapa, Ensino Fundamental, é obrigatória, gratuita nas escolas públicas e atende às crianças a partir dos 6 anos de idade. E segundo o artigo 32º da LDB, tem por objetivos:

- I. o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II. a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

- III. o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV. o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

A partir da implementação da Lei nº 11274/2006 que alterou o artigo 32 da LDB, o Ensino Fundamental passou a ser oferecido em nove anos, dividido da seguinte forma:

Anos Iniciais – Oferta do primeiro ao quinto ano de escolaridade com ingresso de alunos com seis anos de idade completos até o dia 31 de março do presente ano⁹.

Anos Finais- Oferta do sexto ao nono ano de escolaridade.

Por fim, a última etapa da Educação Básica é o **Ensino Médio** que tem duração mínima de três anos.

Esta pesquisa se dedica à investigação mais cuidadosa dos anos finais da Educação Infantil (pré-escola) e do primeiro ano do Ensino Fundamental, trazendo a perspectiva da alfabetização, do jogo e da brincadeira como objeto de estudo. Desse modo, a brincadeira e as ações das crianças dentro do ambiente escolar são consideradas elementos constitutivos da aprendizagem da linguagem escrita.

Após a publicação da LDB, novos documentos foram implementados e debatidos, priorizando a educação de crianças bem pequenas e o processo delas nos primeiros contatos com a leitura e a escrita.

Destaco inicialmente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados em 1997, que tiveram como função promover a qualidade da educação no Ensino Fundamental através da constituição simultânea de uma identidade nacional e da promoção do respeito às especificidades locais. Sua maior finalidade era subsidiar a participação integral dos professores dentro do ambiente escolar, dando suporte nas discussões, planejamentos e pesquisas, além de ter sido um documento que trouxe abertura e flexibilidade ao trabalho do profissional da educação.

⁹ A definição da data de corte foi definida pela Resolução CEB nº 6/2010.

Contudo, no ano de 2017, em substituição aos PCNs, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento completo e orientador que aponta o que se espera que os indivíduos desenvolvam ao longo da Educação Básica. Esse documento norteia a ação docente definindo as habilidades e competências que são essenciais para o aluno, e que devem ser desenvolvidas no ambiente escolar.

A ludicidade é o elemento fundamental para o processo de aprendizagem das crianças, tornando-se assim um direito garantido por lei.

A respeito disso, a BNCC refere-se a:

A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. (BNCC, p.16)

Dessa forma, os profissionais de educação têm a flexibilidade para montar suas aulas através de atividades lúdicas, sendo possível proporcionar um ensino prazeroso para as crianças através de um método educacional que as cativa.

Essa concepção encontra-se articulada com o conceito de criança apresentado pelas DCNEI bem como com as características que o Parecer 22/1998 atribui às crianças.

Observa-se que os documentos oficiais estão em harmonia com as abordagens pedagógicas atuais e que diz respeito à nova concepção de criança. Essa construção histórica tem possibilidade de ter um destaque ainda maior na sociedade, e na sua valorização social.

2. PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Diante das constantes mudanças no campo educacional e das diferentes maneiras de alfabetizar. Há quem se apoie em processos que consideram a passividade do aluno, outros que privilegiam as técnicas. Há, contudo, docentes que atuam partindo da perspectiva da criança enquanto sujeito histórico, plena de saberes tecidos nos muitos contextos dos quais participa. Compartilho dessa última opção por entender a necessidade de que o processo educativo só se dá com plenitude se a característica da infância for respeitada.

Antes da implementação da BNCC, as políticas públicas pensavam a alfabetização como um processo amplo que ia além da mera decodificação, iniciando-se formalmente no primeiro ano de escolaridade e sendo concluído no terceiro ano de escolaridade. Nesses termos, o tempo de desenvolvimento dos educandos era respeitado na medida em que as crianças teriam até três anos para compreender e desenvolver as habilidades de leitura e de escrita. Contudo, com a implementação da BNCC, houve uma redução nesse tempo dedicado à alfabetização, considerando que todo o processo de alfabetização pode ser concluído em apenas dois anos.

Assim, focado na continuidade do aprendizado, a BNCC tem a meta de realizar uma ligação direta entre o ensino infantil e o fundamental – preenchendo uma lacuna que havia entre os dois ciclos.

A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças, respeitando suas singularidades e as diferentes relações que elas estabelecem com os conhecimentos, assim como a natureza das mediações de cada etapa. Torna-se necessário estabelecer estratégias de acolhimento e adaptação tanto para as crianças quanto para os docentes, de modo que a nova etapa se construa com base no que a criança sabe e é capaz de fazer, em uma perspectiva de continuidade de seu percurso educativo. (BRASIL, 2018. p.53)

Porém, já que o fundamental é uma extensão da educação infantil por que não utilizar os jogos, as brincadeiras como ferramentas para aquisição da leitura e da escrita? O que é letramento digital?

Essas são questões que me surgiram ao longo da elaboração do trabalho. Apesar da BNCC elencar que Educação Infantil e Ensino Fundamental precisam ter como característica a continuidade, o que de fato ocorre é uma fratura entre os dois níveis de ensino, na medida em que os jogos e as interações são elencados como eixo norteador da Educação infantil, mas se inscrevem como um adorno no texto que trata do Ensino Fundamental.

Mais uma vez estamos deixando de lado o brincar e os jogos e dando voz às ferramentas tecnológicas para o processo de aprendizagem.

O meu papel como professora é dinamizar saberes que favoreçam a aprendizagem dos alunos e tragam para eles diversos dispositivos para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Porém, se no documento generalizante e obrigatório nas escolas não está definido que a ludicidade é uma estratégia importante no ensino fundamental, como vamos se

torna possível potencializar essa ferramenta? Como os professores poderão ser convidados a atuar com uma pedagogia lúdica?

São questões complexas e penso que a ausência da ludicidade em um documento oficial e norteador pode significar um futuro abandono das práticas lúdicas pois, em tempos de cada vez mais meritocracia e avaliação de desempenho, e de tantos descritores com habilidades e competências a serem desenvolvidas, o que transborda do meramente técnico não terá lugar na escola.

Considero que textos não relacionados ao contexto dos alunos convidam ao desinteresse e à não compreensão. Uma vez que o ato de ler não significa apenas decodificar (é mais que reconhecer sinais gráficos), para ler bem é importante não ler só palavras, mas todo o repertório de imagens, de sentidos, de memórias que um texto pode oferecer.

2.1. Jogos e Brincadeiras no Contexto Histórico dos Métodos Educacionais

Atualmente percebo que há uma grande diminuição das brincadeiras no Ensino Fundamental, por conta da massa de produtividade e das obrigações que os alunos precisam ter dentro de sala de aula. Assim, o tempo de brincar, de se expressar e muitas das vezes de se movimentar passam a ser desenvolvidas no recreio/intervalo ou na Educação Física. Algumas escolas têm deixado de lado as trocas sociais e as brincadeiras, passando a se fechar nas possibilidades e na criação de gestos expressivos.

O sujeito se relaciona com o meio no qual ele vive seja através das brincadeiras, rodas de conversas e convívio social. À vista disso, a criança se torna mais segura, proativa e crítica, se desenvolvendo cada vez mais dentro do ambiente escolar. A criança precisa da ajuda do outro para se desenvolver cognitivamente e socialmente, e a partir do processo de maturação, ela conseguirá fazer sozinha, dando sentido a tudo aquilo que ela ainda não conseguiu desenvolver e, que está na zona de desenvolvimento proximal. Neste sentido, o professor desempenha um importante papel nesse processo do sujeito, dando significação, sentido e orientações que medem a aprendizagem. Assim, gradativamente, a criança será capaz de resolver sozinha situações mais difíceis.

Com base em Vygotsky, o processo de brincar e as atividades corporais são atividades indispensáveis para a aprendizagem da escrita, pois quando o jogo e a brincadeira entram no espaço escolar eles desenvolvem na criança uma situação imaginária criada por ela.

Para Vygotsky (1971) apud Friedmann (2006), *a atividade lúdica é decisiva no desenvolvimento da criança porque liberta de situações difíceis*. Isso quer dizer que nas atividades lúdicas, na brincadeira e no jogo a criança pode interpretar de formas diferentes a situação no qual ela está inserida, possibilitando orientar-se através dos significados que aquela situação está lhe dando.

Por fim, Vygotsky acredita que o lúdico é fundamental para o desenvolvimento mental e intelectual da criança, e as diversas situações que a criança cria e imagina contribuem para o desenvolvimento do pensamento abstrato, conforme os significados dados à criança pelo objeto e ação. Exemplo disso é quando um grupo de crianças resolve brincar simbolicamente com seus semelhantes e eles entram no personagem, representando comportamentos sociais que eles conhecem e assim seguem regras de conduta e internalizando significados culturais.

Para Vygotsky (1988, 1987, 1982) apud Kishimoto (2006):

Os processos psicológicos são construídos a partir de injunções do contexto sociocultural. Seus paradigmas para explicitar o jogo infantil localizam-se na filosofia marxista-leninista, que concebe o mundo como resultado de processos histórico-sociais que alteram não só o modo de vida da sociedade mas inclusive as formas de pensamento do ser humano. São os sistemas produtivos geradores de novos modos de vida, fatores que modificam o modo de pensar do homem. Dessa forma, toda conduta do ser humano, incluindo suas brincadeiras, é construída como resultado de processos sociais. Considerada situação imaginária, a brincadeira de desempenho de papéis é conduta predominante a partir de 3 anos e resulta de influências sociais recebidas ao longo dos anos anteriores.” (p.32;33)

Contudo, há que se pensar nas singularidades das ações infantis. As brincadeiras apresentam também o signo visual que contém a futura escrita da criança.

Pensando em toda essa trajetória da criança e no processo educativo que se dá no espaço escolar, percebo que, quando as crianças estão na Educação Infantil, os jogos, as brincadeiras e o brincar fazem parte de todos momentos do seu dia. Percebo que as brincadeiras contribuem no processo de desenvolvimento cognitivo e social dessas crianças.

Porém, quando elas entram no Ensino Fundamental, há outras cobranças, outras metodologias. E aquela bagagem de brincadeiras muitas das vezes é deixada de lado dando

lugar para outras ferramentas pedagógicas. Entendo que o Ensino Fundamental tem outras preocupações mais relacionadas ao processo de alfabetização e que, no âmbito de nossa legislação, o tempo para a aprendizagem da leitura e da escrita tem tempo demarcado. Mas, fico pensando que ainda são crianças e precisam de ludicidade e brincadeira durante esse processo.

Por muito tempo os métodos educacionais foram objeto de discussões e problematizações. As práticas pedagógicas comuns priorizam a memorização e exercícios motores repetitivos como ferramentas pedagógicas imprescindíveis à aprendizagem da leitura e da escrita, inclusive eu mesma tive essa experiência durante minha infância.

A ludicidade proporciona ao educando um espaço mais atrativo, criativo e de autonomia, que desenvolve neles um ambiente imaginário, que a acresce suas capacidades cognitivas. Durante os momentos de brincadeiras, o sujeito vai ampliando sua conexão com o mundo através das suas representações simbólicas, contribuindo assim para uma aprendizagem mais significativa e um desenvolvimento mais global. As aprendizagens ocorrem muitas vezes sem o aluno perceber, de forma plural e orgânica.

Contudo, percebo que é importante inserir nas práticas pedagógicas, em especial no Ensino Fundamental (séries iniciais), a ludicidade e a brincadeira como método importante na aquisição da leitura e da escrita.

2.2. Brincadeira e Jogo como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem

Primeiramente é preciso compreender o significado da brincadeira e do jogo, e seus aspectos fundamentais dentro de sala de aula.

A brincadeira é o ato de brincar, de distrair e de se expressar. Por muito tempo as brincadeiras faziam parte da vida das crianças fora do ambiente escolar, e traziam a elas um rico conhecimento urbano. Antigamente se via muito nas ruas brincadeiras como: polícia e ladrão, pique bandeirinha, pega-pega, amarelinha, pular elástico, pular corda entre outras que promovem naturalmente o desenvolvimento da coordenação motora ampla, coordenação motora fina, desenvolvimento da expressão e da linguagem. Hoje, com a crescente violência e com o uso constante da tecnologia, muitos pais optam em deixar seus filhos dentro de casa sob

a justificativa de manter seus filhos em um ambiente de segurança. E dessa forma, muitas crianças só tem o ambiente escolar para se expressar física e socialmente.

Acerca disso, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil apresenta a importância da brincadeira dentro da escola.

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. (RCNEI, 1998, p.27)

Ao brincar, a criança assimila conceitos, experiências e vivência diversos momentos carregando essa experiência para o aprendizado. A capacidade de brincar possibilita às crianças um espaço para resolução dos problemas que as rodeiam. Dessa forma, o brincar se torna um ato social que permite uma comunicação através de gestos, mesmo que não haja comunicação verbal.

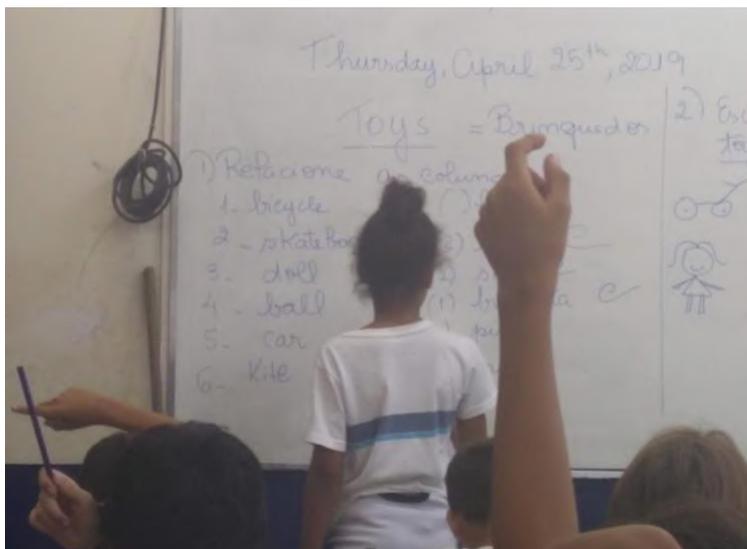
É através do brincar que as crianças têm a oportunidade de expressar o que está sentindo ou necessitando naquele momento, como por exemplo, no jogo simbólico, nas brincadeiras de faz de conta, da música, do contato com o outro, nas dramatizações.

As brincadeiras cantadas podem ser um excelente meio de incentivar e auxiliar a aprendizagem nas diferentes áreas, atuando de forma multidisciplinar, pois a mesma está interligada ao conhecimento adquirido da realidade e a associação de tudo que se busca.

Nesse sentido, o papel do professor do Ensino Fundamental 1 é contribuir para que o ensino-aprendizagem seja realmente transformador, sobretudo nos aspectos de formação do caráter lúdico de cada criança.

Award (2008) afirma que, em se tratando de contribuir com a educação do indivíduo, o brincar se consiste como sendo uma recreação que apresenta uma função compensadora, pois oferece o prazer e a satisfação pessoal, possibilitando o reencontro e a espontaneidade necessária a vida, na qual muita das vezes não existe espaço para o desenvolvimento do pensar, do riso ou do sonhar.

Fotografia 2: aluna da Escola Municipal Doutor Cícero Penna tendo a experiência de ir ao quadro



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

Quando damos aos alunos meios para que eles tenham autonomia de criação, sem exigência de atendimentos a rígidos requisitos, proporcionamos que eles sejam protagonistas do seu próprio conhecimento e mais do que isso estamos dando a eles oportunidade de formular hipóteses e resolver seus próprios conflitos.

Acredito que conteúdos lúdicos atuam de forma mais significativa na aprendizagem da criança. Um exemplo disso é a música, que opera no desenvolvimento cognitivo do educando e em vários aspectos como, a localização espacial, a coordenação de voz, movimento e a fixação de forma lúdica dos conteúdos.

O brincar através da música proporciona na criança um impulso prazeroso que age em sua mobilidade corporal, mental e espiritual, proporcionando alegrias em sua formação integral e plena, de forma que essa criança se perceba como um sujeito que experimenta a integração social.

Tais considerações se inscrevem no âmbito da filosofia construtivista na educação, que entende o impulso lúdico enquanto parte constitutiva de universo das crianças. Também

compartilham das ideias de Paulo Freire, que já dizia ser impossível conceber a alfabetização como leitura da palavra sem concluir que ela é precedida da leitura do mundo ao redor.

A perspectiva construtivista embasa-se na criança como sendo o sujeito, o centro da produção da aprendizagem, construída por ele por meio de inúmeras interações, o que a diferencia da posição inatista, que acreditava na aprendizagem realizada a partir do acúmulo de informações.

Em geral, a escola, e não somente a escola brasileira, sempre pareceu desejar apagar do cérebro e do corpo da criança uma outra linguagem que é a sua maneira de perceber a vida, o tempo e o mundo que a cercam. Esse desapego pelos conteúdos existenciais inerentes à criança apresenta custos altos e, muitas vezes, irreversíveis, pois significa desprezar a astúcia, a criatividade espacial, a inventividade e os signos desenvolvidos pela infância para se defender de um mundo adulto que, muitas vezes sem perceber, tudo faz para oprimi-la (ANTUNES, 1998, p.101-102).

O trecho acima citado destaca a importância de um planejamento que enriqueça o fazer docente que inclui tanto a previsão das atividades lúdicas e criativas como também a adequação, em razão dos objetivos propostos no decorrer do processo de ensino.

Dentre estas atividades podem ser destacadas a roda de conversa. Pois a mesma:

Auxilia em nossas reflexões e apresenta outras características atribuídas ao círculo que induzem a pensamentos quando nos dispomos em roda: “o círculo tem o centro como organizador e ponto de conexão; não tem ponta, primeiro ou último lugar; todos olham para o centro, veem-se, estabelecem contato, que pode ser de estranhamento, de alteridade, de equidade ou de pertencimento (ORIOLO, 2015, p. 126).

Os jogos e as brincadeiras em sala de aula se apresentam como uma estratégia poderosa no desenvolvimento da criança e no seu processo alfabetizador, trabalhando a cognição, a atenção e o sentimento, além de aprimorar suas habilidades motoras.

Contextualizar as atividades lúdicas é o primeiro passo para o ensino aprendizagem, por assim entender que a relação de grupo e a convivência com a diversidade cultural, também são fatores primordiais e decisivos no processo de formação humana da criança. As brincadeiras simbólicas e de faz de conta, os jogos de carta, de tabuleiro, jogos lógicos e jogos

tradicionais como: didáticos, com dados e corporais, propiciam a ampliação dos conhecimentos da criança por meio da atividade lúdica.

Dessa forma Kishimoto (1993) nos diz que:

Os jogos têm diversas origens e culturas que são transmitidas pelos diferentes jogos e formas de jogar. Este tem função de construir e desenvolver uma convivência entre as crianças estabelecendo regras, critérios e sentidos, possibilitando assim, um convívio mais social e democracia, porque “enquanto manifestação espontânea da cultura popular, os jogos tradicionais têm a função de perpetuar a cultura infantil e desenvolver formas de convivência social. (p.15)

Fotografia 3: Alunos da Escola Municipal Doutor Cícero Penna na aula de Educação Física



Fonte: Beatriz Rosária da Mota, 2019.

As fotos acima retratam um grupo de alunos do Ensino Fundamental da Escola Municipal Cícero Penna onde fiz meu estágio de observação e coparticipação brincando de “totó”, um jogo com quatro integrantes. Em uma disputa, um dos alunos me disse: *tia, eles estão roubando, toma conta do jogo e se chegar minha vez você me fala*. Após a fala, eu sugeri: *você precisa organizar esse jogo. Que tal você ser o juiz?* E assim ele começou a marcar o placar na folha de caderno, dividindo os times e apresentando a pontuação. Com a nova organização, passou a ser vencedor aquele que marcasse 10 gols.

Nesse momento, a brincadeira se tornou mais produtiva. Os alunos começaram a se interessar na divisão dos times e na preparação do jogo. Assim, todos os alunos puderam participar e se entreter de forma harmônica e divertida.

Pensando em todo o benefício do jogo e da brincadeira percebi nas minhas observações na Escola Municipal Doutor Cícero Penna que o ambiente escolar quando é um lugar

estimulador proporcionar aos alunos a representação da leitura e da escrita de forma prazerosa, assim, o educando busca através dos jogos e brincadeiras maneiras facilitadoras para a construção do seu conhecimento.

3. O LÚDICO COMO METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A palavra lúdico vem do latim *ludus* e significa brincar, uma vez que é na brincadeira que são incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativa também à conduta daquele que joga, que brinca e que se diverte.

O lúdico para Negrine (1994) significa uma atividade de grande eficácia para que o desenvolvimento infantil aconteça de forma plena, pois o brincar gera um espaço para pensar, e que por meio deste a criança avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, satisfaz desejos, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade. As interações que o brincar e o jogo favorecem a superação do egocentrismo, que é natural em toda criança, desenvolvendo a solidariedade e a socialização.

Percebe-se então que o lúdico utilizado como metodologia de ensino e aprendizagem favorece a formação da criança, dando a mesma a oportunidade de um crescimento cognitivo e social amplo através de uma visão de mundo mais real.

Para Vygotsky (1984), o ensino realizado por meio do lúdico quando ofertado a criança através da brincadeira, promove o discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento.

Sobre a afirmação acima é possível afirmar que a linguagem apresenta um relevante papel no desenvolvimento cognitivo da criança à medida que sistematiza suas experiências e ainda colabora na organização dos processos em andamento.

Segundo Vygotsky (1984), vários experimentos levam à conclusão de que o brinquedo do faz de conta, o desenho e a escrita devem ser vistos como momentos diversos de um processo único: o desenvolvimento da linguagem escrita.

Negrine (1994) afirma que:

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança (p.19).

O brincar, o jogar e o desenhar criam um espaço para a criança pensar e entender o mundo que o rodeia interagindo com o outro e desenvolvendo habilidades diversas no cotidiano escolar.

O desenho é uma das formas lúdicas mais estruturadas que existem, pois através dele a criança desenvolve a intenção de elaborar imagens e o seu fazer artístico. Começando pelos símbolos muito simples, ela passa a articulá-los no espaço bidimensional do papel, na areia, na parede ou em qualquer outra superfície. Passa também a constatar a regularidade nos desenhos presentes no meio ambiente e nos trabalhos aos quais ela tem acesso, incorporando esse conhecimento em suas próprias produções.

A evolução do desenho infantil se for bem observada fica visível para se observar que os rabiscos são projetados como um ato da criança pela busca do prazer através do gesto. Ao rabiscar um desenho, a criança desenvolve seus processos criativos, ampliando suas potencialidades de expressão. Muitas vezes a expressão feita pela criança através do desenho é interpretada como meros rabiscos sem a compreensão de seu real valor e função.

Nessa perspectiva, é importante destacar que os rabiscos se apresentam como um profundo significado para a criança sendo uma forma de revelar o conhecimento que a criança tem de mundo, dos objetos, lugares, pessoas, são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se de uma leitura de seu mundo. Daí reside a importância de iniciar o processo de alfabetização através do desenho.

Os alunos frequentemente se utilizam dele em diferentes situações: fazendo grafismos em folhas, como maneira de registrar uma aula, criando cartazes, personagens, histórias em quadrinhos, entre outros usos. Há várias maneiras de realizar desenhos com diferentes materiais.

Negrine apresenta o desenho como sendo uma atividade artística que a criança mais realiza. *Através dele, a criança desenvolve habilidades motoras, expressivas e cognitivas e representa as experiências vividas e apreendidas no seu dia-a-dia* (NEGRINE 1994, p.19). Por

ser mais acessível, o desenho é uma das atividades lúdicas que mais se faz presente em sala de aula.

A partir do pensamento desses autores, é possível destacar a importância da livre expressão no desenho. Quando a criança produz de modo livre, ela pode adquirir maior segurança, percebendo que é capaz de inventar, explorar, combinar, criar e, ao mesmo tempo, passa a entender que, como qualquer pessoa, ela pode errar e não acertar sempre.

Fotografia 4: Desenho do aluno da Escola Municipal Cícero Penna utilizando terra e folha



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

O desenho da criança expressa a sua subjetividade, carrega sentimentos, sentidos. Ao desenhar e ao falar sobre seus desenhos, as crianças encontram diferentes formas de expressar sentimentos, opiniões e conhecimentos.

Seguidamente, ele se torna um ato de prazer pelo efeito que o lápis, o pincel ou a caneta realiza no papel, na parede, no quadro etc. Em seguida a criança começa a dar nomes e forma aos rabiscos. Aos poucos, os rabiscos ganham forma e se tornam figuras e formas reconhecíveis até chegar à época na qual as crianças começam a ser alfabetizadas e desenharam as letras do alfabeto.

O lúdico não quer dizer somente para o educando que significa o ato de brincar, uma vez que o lúdico pode significar também o ato de ler, e, é justamente no Ensino Fundamental I, época em que as crianças estão sendo alfabetizadas que o ato de ler pode ser realizado através

de pinturas, obras de artes e outros modos de apropriar-se da literatura como forma natural de entender a leitura do mundo.

Ou seja, através de uma obra de arte a criança consegue ler o mundo que circunda em sua volta, tendo em vista que ainda no início da alfabetização a mesma ainda não sabe decodificar os códigos das letras.

O desenho de observação é um ótimo elemento para aprendizagem, pois é através das imagens reais, que as crianças irão aguçar e ampliar a sua compreensão sobre o mundo. E assim, conquistam a capacidade de aprender a ler o que está em sua volta, além de pensarem sobre as proporções, formas e cores enquanto registram suas observações.

A foto abaixo mostra uma atividade lúdica com os alunos do terceiro ano da Escola Municipal Doutor Cícero Penna, onde pedimos que cada criança trouxesse uma folha de árvore e pesquisasse especificidades da folha, e nos trouxesse na próxima aula. Após cada criança falar sobre a folha da árvore, sugerimos que eles registrassem no caderno as informações coletadas e em seguida desenhassem.

Fotografia 5: Registro da atividade com a folha de árvore



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

Paulo Freire (2006) acreditava ser impossível conceber a leitura da palavra sem concluir que ela é precedida da leitura do mundo ao redor. O autor afirma que, neste contexto o ato de ler não se reduz apenas ao processo de leitura da palavra, assim a alfabetização começa muito antes do Pré-escolar já que a criança fez inúmeras leituras de mundo muito antes de começar a ler uma palavra.

Tendo em vista que a criança pequena, a partir do contato inicial com o mundo que a circunda, aprende a interpretar os gestos, os olhares, as imagens e as palavras, além de

reconhecer a sua mãe, as pessoas próximas, o ambiente, seu quarto, dentre outras. Dentro deste universo, a criança vai se inserindo no seu mundo, na realidade a sua volta.

Paulo Freire (2006) dizia que a leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente. Deste modo, afirma ser possível observar que a leitura quando prazerosa não é somente decodificada é carregada da significação da experiência de vida do aluno e não da experiência do professor. Pois a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto.

A alfabetização compreende justamente o período no qual ocorre o processo de aquisição da leitura e da escrita e, é apresentado por Freire (2006, p.8) como o ato de aprender a ler e a escrever, como também alfabetizar-se se consiste em, "antes de tudo, aprender ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade".

Com isso o autor quis expressar que a leitura do mundo precede a palavra, ao relatar sua experiência dos seus primeiros anos de vida, nessa época o autor aprendeu a ler em sua própria casa, rodeado de árvores e animais. Ou seja, o mundo apontado pelo autor era representado pelo mundo de suas primeiras leituras.

Assevera Freire (2006) que o "texto", as "palavras", as "letras" daquela realidade que ele experimentava iam aumentando a capacidade de perceber os objetos, os sinais que iam se desenvolvendo ao conviver com eles e com sua família. Assim, o autor conclui que leitura do mundo foi fundamental para compreensão da importância do ato de ler e escrever ou de reescrever, transformando numa prática consciente.

Em relação ao ensino, para que a prática da leitura aconteça, se faz necessário que o aluno ao praticá-la não faça simplesmente decodificar, e sim fazer analogia entre o texto e a realidade na qual está inserido, sendo fundamental que o aluno leia nas entrelinhas no sentido de entender o que está implícito no texto ou no símbolo lido.

Ferreira (2003) recomenda que para que ocorra o ensino predominante de leitura, é recomendável que não haja a utilização de textos chatos e desestimulantes aos alunos. Pois se desta forma acontecer o aluno não adquire a capacidade de refletir, e ainda, não se sente envolvido muito menos motivado a ler.

Para Freire, as atividades lúdicas podem se apresentar no jogo coletivo, nas brincadeiras coletivas, as crianças, pois é nos grupos que as crianças estabelecem a relação com seus pares.

Assim a criança do ensino fundamental 1 ao ser alfabetizada é contemplada com um aprendizado através da interação com seus companheiros, Freire (1997) ressalta que acontece um desenvolvimento de suas potencialidades corporal e emocional.

O aprendiz tem de, numa situação de jogo, expressar-se de forma autêntica, verdadeira, o que nem sempre faz em sala de aula, quando fica exposto diante dos demais companheiros. A atividade lúdica favorece e enriquece o processo de aprendizagem na medida em que o educando é levado a refletir, fazer previsões e inter-relacionar objetos e pessoas. A educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento dessa necessidade radical dos seres humanos, a de sua expressividade (FREIRE, 1997, p. 24).

A citação acima aponta as atividades lúdicas propostas como verdadeiras fontes e expressão, dentre as quais estão o jogo, que desperta a brincadeira, a curiosidade, a alegria, a fantasia, ou seja, são fatores que contribuem para o processo de socialização da criança no momento da alfabetização, pois leva a mesma a refletir sobre o mundo no qual a mesma está inserida.

O professor age como um mediador que oferece apoio, um colaborador para que elas possam construir sua própria aprendizagem.

3.1. O lúdico na roda de conversa

A roda de conversa se apresenta como uma atividade lúdica onde acontece a participação de crianças, que cantam músicas de caráter folclórico, seguindo coreografias. Apesar de serem executadas em escolas, e outros espaços frequentados por crianças.

As primeiras experiências do método da Roda de Conversa aconteceram em 1950 a partir, dos trabalhos sobre a alfabetização de adultos, do educador brasileiro Paulo Freire, com base nas situações que ele viveu diretamente no decorrer de sua adolescência e também com trabalhadores rurais e seus filhos. Por esse motivo, ele conheceu de perto a realidade e as necessidades do adulto trabalhador e analfabeto.

O pensamento e as iniciativas de Freire culminaram em novas adaptações e versões da prática que ele nomeava como Círculo de Cultura. Na área da Educação Infantil, o contexto do Círculo foi readaptado, de acordo com as especificidades da criança.

Com o mesmo pensamento de metodologia e utilização, são criados vários títulos para ele, a saber, Roda de Conversa, Roda, Rodinha, entre outros.

De acordo com Ferreira (2003, p. 30), Freinet foi o primeiro a incorporar a Roda de Conversa ao trabalho pedagógico na Educação Infantil. Assim, se torna um dos instrumentos da sua Pedagogia, objetivando à livre expressão e, na dinâmica educativa, ela é, *um momento privilegiado no atendimento à necessidade de exprimir sentimentos e ideias e comunicar-se com os outros.*

Deste modo, nota-se que a roda de conversa ao ser posta em prática no contexto da alfabetização tem o poder de auxiliar a criança não somente no exercício de sua cidadania, mas também pode essa criança tornar-se mais crítica, participativa e equilibrada no mundo que a cerca.

De acordo com Zabalza (1998), a roda da conversa é caracterizada como um elemento fundamental da educação infantil que pode proporcionar o desenvolvimento geral da criança.

Assim, o momento da Roda de conversa se configura na prática educativa de forma privilegiada, pelo fato de atender de forma lúdica e prazerosa à necessidade que a criança possui de exprimir sentimentos e ideias para se comunicar-se com seus pares.

Percebe-se que a roda de conversa se consiste como um dos instrumentos cruciais para o fazer docente na sua ação pedagógica que objetiva à livre expressão da criança e a dinâmica do professor.

Diante do postulado, nota-se então que a inserção da roda de conversa no cotidiano da educação infantil se apresenta como uma situação privilegiada de diálogo interação e intercâmbio de ideias entre as crianças desta faixa etária e também com o professor.

Neste intercâmbio, acredito que a prática pedagógica precisa está amparada com as ações do educando, mediando situações do dia a dia, e estimulando questões como a identidade e autonomia, a moralidade e a comunicação das crianças.

A mediação entre um professor e aluno é muito importante, porque o educando desenvolve o raciocínio juntamente com o professor, sendo capaz de perceber e entender as explicações dadas pelo professor.

Para que haja um desenvolvimento de suas potencialidades corporal e emocional. Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidado, brincadeiras e aprendizagem orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (RCNEI,1998, p. 23/24).

Deste modo, nota-se que o educando ao seguir as indicações dadas passa a desenvolver as operações lógicas, começando a elaborá-los transformando sua atividade cognitiva, utilizadas pela relação de aprendizagem que estabeleceu com professor em sala de aula, mediada pelo uso da linguagem.

Para tanto, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), postula que:

O professor apresenta a possibilidade de transformar determinadas atividades na roda da conversa com o objetivo de estimular o reconhecimento do corpo através de brincadeiras que propõe a percepção, identificação de partes do corpo e a imitação de movimentos. E ainda que é por meio da roda da conversa o professor pode trabalhar: o respeito a diversidade; a identidade de gênero; o desenvolvimento da imaginação; a interação; os jogos e brincadeiras; o desenvolvimento da criatividade; os cuidados pessoais; a imagem; o pensamento infantil (BRASIL, RCNEI,1998. p.2).

A roda de conversa neste contexto se configura como uma estratégia rotineira de ensino, em especial nas classes de Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental:

O momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências (BRASIL, 1998, v. 3, p. 138).

Diante do postulado, percebe-se, que a roda de conversa quando inserida no espaço escolar se apresenta como um importante recurso didático, o qual o professor pode aproveitar para que a criança se manifeste assumindo o seu papel de cidadã.

A roda é um dos momentos de grande interação. Implica a expectativa de algum fato relevante, pois algo de importante vai acontecer quando todos sentam numa roda. Para o professor, é uma oportunidade de observar os alunos e as relações entre eles enquanto conversam, trocam objetos, riem. A roda da novidade deve fazer parte da rotina da turma. Uma das possibilidades é criar a "caixa das novidades". Na chegada, o aluno guarda o objeto, que depois será exibido na roda. A novidade pode desencadear várias atividades, jogos, brincadeiras e histórias, e faz a ponte entre a casa e a escola, permitindo identificações, além de incentivar o início das relações de interação e troca entre os alunos. A roda pode ser o primeiro momento das atividades do dia. Nela se tem um espaço privilegiado no qual se pode desencadear a exploração de temas e o amadurecimento das ideias. Mas, para isso é de grande importância a participação dos alunos por meio de comentários e discussões (ZABALZA, 1998.p.4).

A percepção a que se chega a partir da citação acima é que a roda de conversa desperta na criança a singularidade, a sociabilidade, além de demonstrar de forma lúdica a historicidade e também a cultura, na qual a criança se encontra inserida.

Através da roda de conversa, é possível englobar o grupo de crianças como um todo, se pretende desenvolver com as crianças atividades em que a professora propõe uma forma qualquer de ação que exigindo o esforço individual de cada membro, valorize a participação do grupo em lugar de negá-la (BRANDÃO,2005 p,21)

Os fatos realizados por meio da roda de conversa podem ultrapassar as práticas educativas, pois tem o poder de garantir à criança o desenvolvimento pleno nos aspectos: físico, emocional, afetivo, cognitivo e social.

No entanto, Zabalza (1998) recomenda cautela para que este planejamento não fique vazio e sem graça para a criança, sendo necessário de interação entre professor e alunos. Sendo necessário que o professor adote em sua prática escolar um planejamento com estratégias que contenham uma linguagem bem acessível entre professor e aluno dentro da roda da conversa. Pois no momento da roda de conversa precisa existir uma situação privilegiada de diálogo e intercâmbio de ideias para as crianças.

Esse intercâmbio de ideias age em consonância com a teoria de Vygotski (2003), pois na roda de conversa os participantes interagem em busca do conhecimento e essa interação, por sua vez, gera mais conhecimento. As suas vozes refletidas formam uma junção, por onde

perpassam umas às outras, sendo devolvidas como novas construções. Neste prisma, o lúdico se torna algo de vital importância para a educação.

O importante disso é que a roda de conversa oferta a melhora da comunicação das crianças com as pessoas que estão a sua volta. É, portanto uma excelente forma lúdica para a alfabetização no ensino fundamental.

4. ANALISANDO O PROCESSO DE ENSINO NO FUNDAMENTAL 1 NA ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR CÍCERO PENNA.

Fotografia 6: Fachada da Escola Municipal Cícero Penna



Fonte: Retirada no *Google* imagem (2020)

Analisei o processo de ensino na escola municipal Doutor Cícero Penna objetivando identificar se a referida instituição apresentava em suas propostas pedagógicas atividades lúdicas e que contemplem todos os alunos do Ensino Fundamental 1.

A escola está localizada no bairro de Copacabana, zona sul do Estado do Rio de Janeiro, de frente à praia, uma localização privilegiada. Logo na entrada, existe um mini pátio no qual as crianças fazem as atividades de Educação Física, e assim que adentrei a escola pude notar que o espaço escolar é muito pequeno para atender a Educação Infantil e o Ensino Fundamental 1.

O refeitório fica acoplado junto com a entrada, secretária e sala dos professores, tudo no mesmo ambiente. Percebi que não tem muito espaço para as crianças brincarem, além de não ter um ambiente para exploração corporal, a escola não desenvolve nenhum projeto que atenda a brincadeira como componente importante para o desenvolvimento dos alunos.

A turma que acompanhei em 2019.1, é composta por 25 alunos. É uma turma agitada, comunicativa e participativa. O perfil falante da turma na minha opinião era algo maravilhoso, ainda mais para o trabalho do professor, porém nessa turma não era muito aproveitado. Toda vez que os alunos expressavam suas opiniões, eram interrompidos pelo professor.

O ambiente da sala não tinha a presença de brinquedos diversificados, jogos e muito menos livros infantis, naquele espaço só havia mesas, cadeiras e no canto da sala muitos livros didáticos antigos. Pensando em todo esse processo de alfabetização e no desenvolvimento da criança, cheguei a conclusão que o espaço quando é bem planejado ele auxilia no trabalho pedagógico do professor. Pois a aprendizagem para a criança se torna mais fácil quando tem a ludicidade, jogos e brincadeiras presentes no seu dia a dia.

Fotografia 7: Alunos terminando as atividades com o professor de Artes



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

O que mais me chamou a atenção foi o fato de que dos 25 alunos, só 11 alunos eram alfabetizados. Durante o momento que estive na escola percebi que os alunos necessitam de mais auxílio na realização das atividades e que a falta de comunicação e parceria dentro de sala acaba causando desinteresse e até desmotivação no processo de leitura e escrita. Busquei auxiliar os alunos que estavam apresentando dificuldades na leitura e escrita, e num certo momento uma aluna que tinha muita dificuldade me disse: *tia, não adianta tentar. Eu sou burra mesmo*. Um processo que era para ser prazeroso e leve para ela, se tornou doloroso!

Como fazer essas crianças voltarem a ter gosto pela leitura e escrita?

O meu papel na escola era acompanhar a turma observando todos os seus aspectos e coparticipar das atividades pedagógicas junto com a professora regente, e ao final do estágio elaborei uma atividade para ser aplicada com os alunos.

O contato com os alunos e a liberdade que a professora regente me deu para conduzir as atividades em sala foi um grande aprendizado para a minha prática pedagógica, e isso beneficiou ambas, pois tive a oportunidade de experimentar a docência partindo das suas concepções e à professora que, ao me permitir conduzir algumas atividades, também aprendeu uma prática diferente.

Então, toda vez que a professora me deixava conduzir a aula, eu colocava um pouco de ludicidade nas atividades, dessa forma os alunos poderiam se expressar e formular hipóteses sem aquela cobrança de certo e errado.

Durante as minhas aulas com a turma, utilizei diversas ferramentas que ajudassem os alunos na melhor compreensão dos conteúdos aplicados, como jogos de adivinha, desenho topológico, material dourado, desenho de observação com escrita e o que eles mais gostaram foi o bingo das palavras.

Disponibilizei para os alunos o alfabeto móvel que foi o nosso aliado nas atividades e no jogo do bingo, pois consiste em letras soltas e de fácil acesso. Trabalhamos de forma criativa e autônoma com as letras, escrevemos recados uns para os outros, fizemos cartazes.

Fotografia 8: Escrita com o alfabeto móvel depois da brincadeira do bingo



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

O bingo das palavras é uma atividade simples e que consegue proporcionar um rico conhecimento nas diferentes áreas, tanto no cognitivo quanto no social de cada aluno. Segue abaixo a descrição da atividade realizada:

Como jogar o bingo: Formar grupos de 5 integrantes, cada grupo ganhará dois jogos de alfabeto móvel (letras soltas), o professor deverá selecionar 10 palavras que a turma está trabalhando, pode ser palavras de um livro de história ou de uma atividade. O professor começa a ditar a palavra em voz alta, o grupo precisa escrever corretamente a palavra e depois gritar BINGO. Ganha o grupo que escrever corretamente cada palavra. Nesse momento, terá grupo que escreverá de forma errada, cabe ao professor auxiliar na correção coletiva e mostrar a forma correta da escrita da palavra no quadro.

Além das brincadeiras dirigidas, houve dias em que os alunos brincaram livremente no espaço da escola. Nos momentos de tempo livre, elaboramos brincadeiras corporais e de movimento que possibilitaram a eles concentração e parceria. Após as brincadeiras os alunos voltavam leves e com mais disposição para sala, e isso mostrou o quanto é importante o contato diário com o lado externo da sala

Fotografia 9: Alunos da Escola Municipal Cícero Penna brincando



Fonte: Beatriz Rosária da Mota (2019)

Após as observações e implementação das atividades lúdicas em sala foi possível saber que as crianças aprendem de modo mais significativo com dinâmicas e conteúdos concretos, como: material dourado, letras móveis, bingo, brincadeira de adivinha, pintura, desenho entre outras atividades que podemos explorar na sala.

E a cada dia que se passava na turma ficava muito evidente o quanto as crianças gostavam de participar das atividades e das brincadeiras dirigidas, isso foi muito importante para o desenvolvimento psíquico e motor.

A respeito disso Piaget afirma:

É pelo fato de o jogo ser um meio tão poderoso para a aprendizagem das crianças que em todo lugar onde se consegue transformar em jogo a iniciação à leitura, ao cálculo ou à ortografia, observa-se que as crianças se apaixonam por essas ocupações, geralmente tidas como maçantes. (PIAGET, 2008, p. 158)

Concluo que os jogos, as brincadeiras e as atividades de caráter lúdico auxiliam de forma mais significativa o processo de aprendizagem dos alunos, pois se enreda às características da infância.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou os reflexos das propostas pedagógicas lúdicas na alfabetização numa turma de terceiro ano de escolaridade do ensino fundamental da Escola Municipal Doutor Cícero Penna.

A partir do estudo realizado foi possível perceber quão grandes são os benefícios proporcionados ao processo de alfabetização pelas atividades lúdicas. Os jogos e as brincadeiras apresentam a função de colaborar com a emancipação dos educandos agindo no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Assim, as atividades lúdicas fazem com que os sujeitos construam o conhecimento e desenvolvam a atenção, a agilidade, a associação, a coordenação motora, entre outros aspectos fundamentais para seu desenvolvimento.

A pesquisa bibliográfica corroborou com o estudo de caso realizado na Escola Municipal Doutor Cícero Penna e evidenciou que as atividades lúdicas são ferramentas pedagógicas importantes no desenvolvimento físico, moral, cognitivo da criança em especial no período da alfabetização.

As limitações do trabalho se deram devido às concepções de aprendizagem preconizadas pela escola e por muitos docentes que nela atuam. Além da implementação de apostilas e a cobrança feita pela secretaria municipal de educação para que sejam utilizadas na escola, com avaliações pensadas pela própria secretaria, impedindo muitas vezes que as escolas trabalhem com a ludicidade enredada ao processo de alfabetização.

A ação docente na escola demanda um olhar diferenciado para as turmas e o respeito às singularidades das crianças. Tal observação se dá no âmbito da escola municipal Doutor Cícero Penna em razão da realização de meu estágio nela, contudo é extensível a tantas outras unidades escolares no município do Rio de Janeiro em razão das inúmeras exigências hierarquicamente feitas a elas, diminuindo as possibilidades de autonomia no trabalho docentes.

Este estudo alcançou seus objetivos e sua justificativa se confirmou, uma vez que, as informações fornecidas neste trabalho contribuem para o processo de leitura e escrita, e que, as

atividades lúdicas poderão ser capazes de promover a formação integral das crianças no seu desenvolvimento.

Por ser a etapa mais importante da educação, visto que é a base que irá sustentar toda vida acadêmica do educando, que partam rumo a uma atualização sobre a importância da ludicidade em todo o processo do ensino.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

AWAUD, Hani. **Brinque jogue cante e encante com a recreação**. Ed. Fontoura, SP, 3edição. 2008.

ANTUNES, Celso. **Inteligências e competências**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia / Projeto Memória “Paulo Freire - educar para transformar”**. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Política Nacional para a Educação Infantil: pelos direitos das crianças de 0 a 6 anos à educação**. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1997.

CORSINO, Patrícia. Literatura e infância: limites e possibilidades da literatura infantil para as crianças de zero a seis anos. In: **Educação Infantil: catálogo de documentos (pesquisas, monografias, textos de apoio e projetos de extensão)**. Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2003.

DHOME, Vânia. **Atividade lúdica na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

POZAS, Denise. **Criança que brinca mais aprende mais**, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FERREIRA, Gláucia de Melo (Org.). **Palavra de professor (a): tateios e reflexões na prática Freinet**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

GOMES, C. L. (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade**. In: BRASIL. Ministério da Educação. Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis de anos de idade. Brasília: FNDE, 2006.

_____. Infância e educação: O necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria I.; NUNES, Maria F.; GUIMARÃES, Daniela (orgs). Infância e educação infantil. Campinas: Papyrus, 1999.

KUHLMANN, Moisés Júnior. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais Infantil: O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes 1993.

_____ (org) **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____ (org). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

MARANHÃO, Diva Nereide M. M. **Ensinar brincando: A aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 2. ed. Rio de Janeiro: WAK, 2003.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Propil, 1994.

ORIOLO, Maria Rita. **Rodas de conversa: a circularidade dialética e a experiência curumim**. In: PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (Orgs.). Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações. São Paulo: Edições SESC, 2015.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Tradução: Dirceu A. Lindoso & Rosa Maria R. da Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

SNEYDERS, Georges. **Alunos felizes**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Vygotsky, Lev 1988, 1987, 1982, apud, KISHIMOTO, Tizuko Morchiba (ORG.). **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

ZABALZA, M.A. **Qualidade em educação infantil**. 1ª edição. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 1998